



ASSENTAMENTO ESTRELA DO NORTE, MONTES CLAROS-MG: A NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL NO RECONHECIMENTO TERRITORIAL, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

Joyce Nayara Wanderley Correia¹
Karine Siqueira Camilo Silva²

RESUMO

A Nova Cartografia Social manifesta a concepção da própria realidade do sujeito social, onde permite a criação e a reprodução de documentos e instrumentos que viabilizam a representação cartográfica de uma comunidade e o seu pertencimento territorial. Assim sendo, é vista como um nova ferramenta aplicada no planejamento e na mudança social. O objetivo geral deste trabalho é analisar a Nova Cartografia Social do Assentamento Estrela do Norte, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), situado no município de Montes Claros- MG, - no seu processo de territorialização e sua organização nos aspectos socioculturais. Este trabalho justifica-se por permitir que a Nova Cartografia Social poderá ser uma forma de representação técnico-científica, que propicia a formação de documentos sob a ótica do sujeito social diante da sua realidade local. Será utilizada uma pesquisa de levantamento teórico, permitindo de forma a identificar e discernir estudos já publicados sobre o assunto, por meio de livros, teses e artigos, bem como será desenvolvido pesquisa de campo no diagnóstico da comunidade e sua territorialidade, oficinas de automepeamento para ampliar as informações inerentes ao tema.

Palavras-chave: Movimento Social – MST, Território e Nova Cartografia Social

ABSTRACT

The New Social Cartography expresses the conception of the reality of the social subject, which allows the creation and reproduction of documents and instruments that enable the cartographic representation of a community and its territorial belonging. As such, it is seen as a new tool applied to planning and social change. The general objective of this work is to analyze the New Social Cartography of the Estrela do Norte Settlement, of the Landless Rural Workers Movement (MST), located in the municipality of Montes Claros-MG, - in its territorialization process and its organization in sociocultural aspects. This work is justified by allowing the New Social Cartography to be a form of technical-scientific representation, which provides the formation of documents from the perspective of the social subject in view of their local reality. A theoretical survey will be used, allowing in order to identify and discern studies already published on the subject, through books, theses and articles, as well as field research will be developed in the diagnosis of

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros–Unimontes. joycenwc@yahoo.com.br;

² Professora de Geografia da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. karine.siqueira@yahoo.com.br;



the community and its territoriality, self-mapping workshops for expand the information inherent to the theme.

Keywords: Social Movement – MST, Territory and New Social Cartography

INTRODUÇÃO

A Nova Cartografia Social retrata uma forma de representação que possibilita o fortalecimento das relações territoriais, com o reconhecimento e valorização nas questões culturais, onde obtém o resgate das identidades e tradições comunitárias.

Apresenta como uma nova interpretação aplicada no planejamento e no estudo das mudanças sociais, onde visa a conexão dos saberes e do entendimento de uma linguagem coerente no que se refere as reflexões existentes na representação da realidade, por meio das bases cartográficas.

Os diversos modelos de representações cartográficas são instrumentos fundamentais no processo de compreensão do espaço e sociedade

. No entanto, é importante salientar que algumas metodologias eruditas estabelecidas no mapeamento não contemplam consideravelmente as particularidades diante das questões sociais do espaço, no que tange algumas referências em relação a percepção do sujeito ativo no território, suas dinâmicas políticas, sociais e culturais.

É possível compreender que a Nova Cartografia Social manifesta a concepção da própria realidade do sujeito social, onde permite a criação e a reprodução de documentos e instrumentos que viabilizam a representação cartográfica de uma comunidade e o seu pertencimento territorial.

O presente trabalho visa analisar a Nova Cartografia Social do Assentamento Estrela do Norte, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), situado no município de Montes Claros- MG, reconhecendo as multidimensões territoriais e sua organização nos aspectos socioculturais.

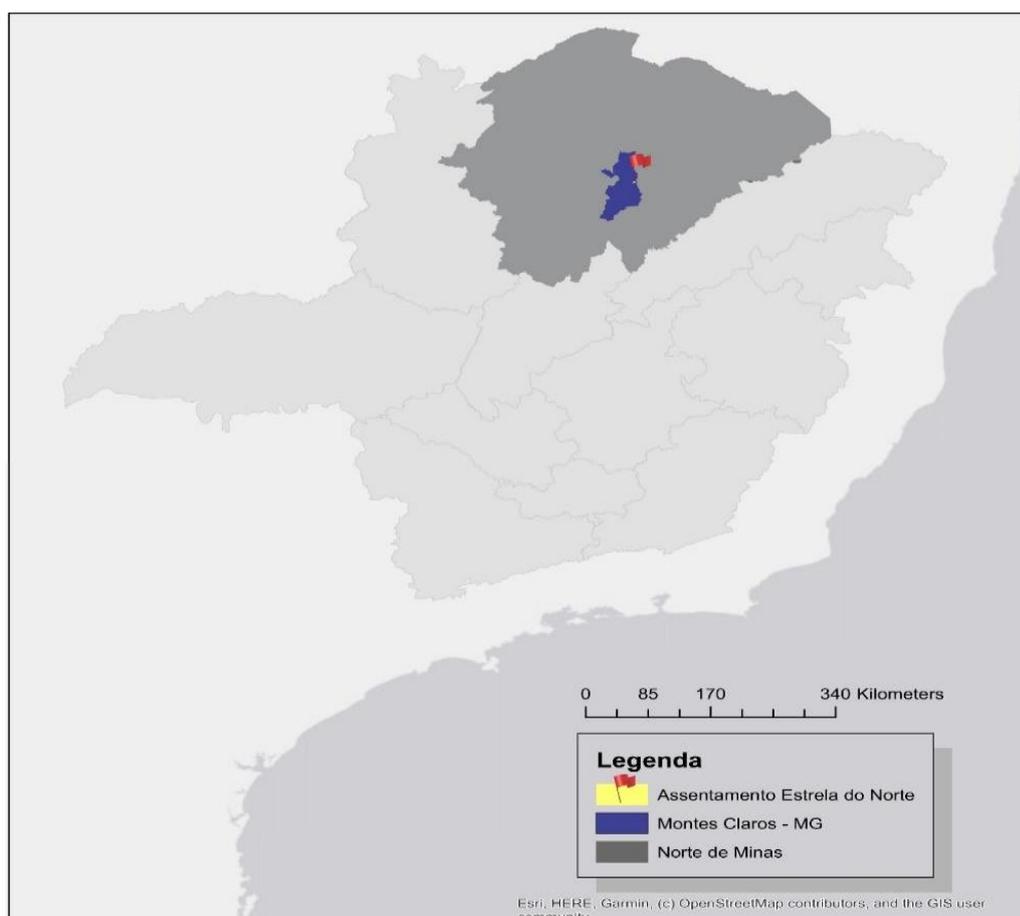
O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) é um movimento derivado das históricas lutas pela terra e recuperando a luta pelo direito à Reforma Agrária no Brasil, atuando na democratização da terra e perpetuando nos marcos de concepções em relação as questões econômicas, políticas, teóricas, no qual demonstram propostas e temas



intrínsecas relacionados a educação, direitos humanos, social, desenvolvendo atividades voltadas para minimizar a desigualdade social que ampliam suas lutas, no qual vai além das lutas pela terra.

O Assentamento Estrela do Norte, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, está situado no Norte de Minas Gerais, no município de Montes Claros, (figura 1) onde foi consolidado sua ocupação em 2003, diante de 5 (cinco) reintegrações de terra, localizado na Fazenda Sanharó, onde instituíram suas relações heterogêneas na Questão Agrária, como também demonstra e expõe suas territorialidades apoiadas pelo discurso e prática política exercida no movimento social.

Figura 1 : Localização do Assentamento Estrela do Norte- Montes Claros (MG)



Fonte: Portal de Mapas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE



Diretamente são 31 famílias assentadas, envolvidas com às questões do território e suas territorialidades, estabelecendo representações sociais, econômicas e políticas, no qual permite a exteriorização da política da Reforma Agrária.

É importante destacar o viés comercial na organização da produção familiar e a venda de produtos no mercado de orgânicos. No assentamento tem uma área destinada ao Centro de Formação Décio Ezequias, no qual possui uma Cooperativa: "Camponesa Veredas da Terra" que é uma cooperativa regional do MST.

São realizadas diversas atividades na linha produtiva como: Hortaliças e agroecológica de grãos, contém uma Fábrica de Farinha e agroindústria de Cachaça. A comercialização dos produtos é realizada na região de Montes Claros-MG e em cooperativas e armazéns do campo do MST em todo o Brasil (Foto 1)

Foto 1 Linha Produtiva no Assentamento Estrela do Norte, Montes Claros (MG)



Fonte: Fotos de Laura Murta e Sarah Gonçalves-Da Página do MST- Abril 2021

Salienta-se o funcionamento da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Ensino Médio que atende tanto o assentamento quanto as comunidades vizinhas, numa proposta de construção comunitária, no qual evidencia a expressividade do discurso e na práxis do cotidiano educacional das crianças e jovens camponesas.



Este trabalho se fundamenta na importância da Nova Cartografia Social e no automapeamento do Assentamento Estrela do Norte, Montes Claros-MG, revelando os anseios nas representações sociais, o território cultural, a experiência, no qual oportuniza a comunidade em construir produtos essenciais ao reconhecimento da sua legitimação territorial e sua identidade sociocultural.

A Nova Cartografia Social apresenta relações das multidimensões territoriais e sua associação com as identidades coletivas, verificadas em movimentos sociais. É vista como uma nova representação aplicada no planejamento e na mudança social.

Este trabalho justifica-se por consentir que a Nova Cartografia Social poderá ser uma forma de representação técnico-científico, que propicia a produção de documentos sob a ótica do sujeito social diante da sua realidade local. A aplicação desse instrumento na comunidade, ampliará o autoconhecimento e (re)conhecimento dos moradores.

O território é uma conceitualização fundamental na Nova Cartografia Social, sendo entendida como uma forma espacial, atribuído ao processo de socialização dos diversos povos e comunidades tradicionais, formado pelas perspectivas culturais, sociais, econômicas e políticas.

Assim sendo, é imprescindível a reconstituição juntamente com os moradores do assentamento o processo de ocupação do seu território.

Nessa perspectiva, as representações são desenvolvidas por meio de um ponto de vista e foi através de um extenso método de aperfeiçoamento das técnicas de construção e de princípio científico que os mapas se tornaram cada vez mais objetivos.

As representações cartográficas passaram a depender as necessidades territoriais dos sistemas políticos, que possuíam os instrumentos e reivindicavam territórios cabíveis de serem representados. Como ressalta Acselrad (2008, p. 13), “o território plural e polissêmico, aberto ao aleatório e não controlável foi sendo transformado em extensão quantificada, limitada e controlada pelo gesto cartográfico que serve de suporte a ação política.

Portanto, é possível a partir dessa elaboração da representação socioespacial, em um documento, agregar mais um mecanismo de luta e reconhecimento dos aspectos culturais, proteção social e fortalecimento das relações na comunidade local.



METODOLOGIA

No desenvolvimento desse trabalho, os instrumentos metodológicos estabelecidos na elaboração da pesquisa é o levantamento teórico, que permitirá a identificação dos estudos já publicados sobre o assunto, por meio de livros, teses e artigos.

Para entender tal perspectiva, será aplicada a categoria geográfica território, este compreendido sob algumas vertentes: imaterialidade e materialidade, relações de poder, simbólica, baseado em Claval (1999); Haesbaert (2004); Raffestin (1993); Santos (1996). Estes autores permitem a compreensão do território e seus integrantes simbólico/cultural, político, econômico e poder.

Uma observação importante e que podemos articular com a Nova Cartografia Social encontramos nessa passagem: “Ao analisar um fato, o conhecimento científico não apenas trata de explicá-lo, mas também busca descobrir suas relações com outros fatos e explicá-los” (Galliano, 1986, p. 26). Na Nova Cartografia Social, além da ideia não ser somente explicar a construção do conhecimento, se dá principalmente com a participação ativa dos sujeitos sociais.

Segundo Gil (2008, p.50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos, sendo que boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.”

Uma concepção que condiz com a perspectiva aqui apresentada aponta que

o trabalho de campo refere-se a estar dentro do mundo do sujeito [...] não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como uma pessoa que não sabe tudo, mas alguém que quer aprender, não como uma pessoa que quer ser o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele. (BOGDAM; BIKLEN, 1994, p.11)

Nessa perspectiva metodológica será constituído e estruturado de forma conceitual e teórica, fomentando o desenvolvimento do objeto de estudo e propiciando o diálogo por meio do trabalho de sensibilização da comunidade, mediante o diagnóstico de sua territorialidade,



REFERENCIAL TEÓRICO

A importância conceitual do objeto em estudo, se faz necessário abordar as definições sobre a Nova Cartografia Social no âmbito em que corresponde a elaboração do conhecimento popular, cultural, e sob o olhar dos grupos sociais no qual estão inseridos. Kozel afirma

As representações espaciais estabelecem uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade são completamente interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum (KOZEL, 2004, p. 227)

A Nova Cartografia Social representa um instrumento, no qual propicia a concepção do entendimento popular e cultural realizado sobre os princípios da coletividade, permitindo que os grupos sociais possam manifestar suas aspirações.

Com base nestas ponderações, podemos sugerir que os grupos sociais vivenciam um mapa social em constante processo de construção, objetivando a sua organização socioespacial. Para Almeida, a Nova Cartografia Social se expõe como:

A persistência do termo “social”, compondo a expressão “Nova Cartografia Social”, reforça este propósito de uma cartografia crítica, desnaturalizada, capaz de se contrapor simultaneamente ao positivismo e ao papel de direção absoluta e autoritária das forças políticas hegemônicas no processo de produção cartográfica. (ALMEIDA, 2013, p.167)

Frente a essa assertiva há necessidade de propor uma reflexão acerca desse sistema de elaboração dos mapas situacionais, sendo esta uma notável diferença na caracterização da Nova Cartografia Social. No sentido de corroborar com tal afirmação, ao ser entrevistado por Lima; Ramos; Silva (2013, p.264) Alfredo Wagner confirma que os mapas situacionais,

[...] são mapas que podem mudar, variar sendo as transformações vividas pelos grupos e comunidades. Hoje eles têm uma configuração, amanhã podem ter outra. O que é que muda? O próprio embate que essas forças têm com outras forças externas, como o embate com grileiros, o embate com o Estado, o embate com grupos interessados na terra que querem usurpar ou adquirir. Então a mercantilização vai balizando esta delimitação, como é que ela pode



ser estabelecida. A fronteira é um lugar de relações. A fronteira é o lugar onde o grupo se realiza com mais força identitária.

É notório, a relevância da Nova Cartografia Social como mecanismo técnico-científico na qual oportuniza a viabilização e criação de documentos a partir da realidade e perspectiva da comunidade local. Nas palavras apresentadas de Almeida (2013, p. 167).

A “nova cartografia social” revela-se consoante estes meios e condições de possibilidades do presente, que facultam a identificação do território e a história social a povos e comunidades tradicionais, considerados “sem história” e “sem lugar” no mapa oficial. Estes povos só recentemente, sobretudo com as mobilizações que resultaram na Constituição de 1988, conquistaram o direito à representação política emancipados dos mediadores históricos. (ALMEIDA, (2013, p. 167).

É de suma importância, a compreensão da Nova Cartografia Social no âmbito das dinâmicas territoriais e sua relação com as identidades coletivas. O pertencimento das comunidades, do sujeito social, está fortemente ligado a representação do seu território, seu ambiente de vivência, de luta e de relações de poder.

A afirmação a seguir de Gorayeb reflete sobre essa questão

“a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas está, invariavelmente, ligada aos atributos da paisagem. Nessa perspectiva, os territórios das comunidades tradicionais se caracterizam por serem, mais fortemente, ligados ao campo simbólico, e não simplesmente às relações de poder, propriedade ou controle político da hegemonia econômica circundante. Ou seja, o sentimento de pertencimento à terra, à história, às lutas, à identidade, às práticas, às vivências, aos rituais, entre outros, se aglutinam formando uma conjuntura legitimadora dos territórios vividos” (GORAYEB, 2014, p.5).

Contemplando o território como espaço socialmente apropriado, se faz necessário compreender a territorialidade como dinâmica da adaptação do território, em que concebe uma identidade social, como um sujeito social se apropria e posiciona no território e acarretando por vezes nas discordâncias territoriais particularmente conflituosas. Assim, Haesbaert afirma

(...) o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam



conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. (HAESBAERT, 2004, p.3)

Nessa perspectiva, de acordo com Haesbaert

A apropriação dos espaços podem se dar também como uma manifestação da subjetividade e do imaginário, criando territórios permeados pelo simbólico e geradores de uma identidade social definida e expressa através do espaço: a identidade territorial. (HAESBAERT, 1999).

É de suma importância, a compreensão da Nova Cartografia Social no âmbito das dinâmicas territoriais e sua relação com as identidades coletivas inseridas no contexto social, cultural e político. Nesse contexto, Carballeda apresenta que

[...] um grupo, dentro do processo de intervenção social através mapas pode ser entendido como um número de pessoas cujas perspectivas para um objetivo comum ligada ao conhecimento e interpretação do território, parte, por um período de tempo, dentro um processo de comunicação e interação. (CARBALLEDA, 2012, p.33)

A Nova Cartografia Social exerce de certa forma, uma busca em defesa do território, uma vez que, com o processo de auto representação, tais comunidades e grupos sociais podem ser reconhecidos e documentado em um mapa, dando-lhes assim incentivos e contribuições para que haja a defesa, a luta e a permanência em seus territórios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cabe salientar, que o presente trabalho, corresponde a uma dissertação em andamento e neste sentido os estudos ainda se encontram no levantamento de acervo bibliográfico e análise conceitual da Nova Cartografia Social e nos estudos relativos ao território e as características inerentes ao Assentamento Estrela do Norte.

Essencialmente seus territórios ocupados são obtidos pelas mais diversas formas, tendo em vista como finalidade da Nova Cartografia Social fortalecer o assentamento na



continuidade e pertencimento de seu espaço territorial e bem como viabilizar suas práticas, seus saberes tradicionais, bem como suas identidades coletivas,

A Nova Cartografia Social é um instrumento eficaz no conhecimento do território, na identidade desses assentados, tem como função explorar essas territorialidades, propiciando a concepção da própria realidade do sujeito social, onde permite a criação e a reprodução de documentos e instrumentos que viabilizam a representação cartográfica de uma comunidade e o seu pertencimento territorial.

O desenvolvimento dessa pesquisa se dá pelo fato que os assentados afirmam como protagonistas na construção da Nova Cartografia Social, apresentando as evidências para que a sociedade, o poder público tenham percepção de quem são, seus costumes, seu espaço territorial.

O que se busca com a elaboração participativa dos sujeitos sociais na produção destes materiais é, segundo Acsehrad (2008), representar de maneira completa sua auto-retratação e de seus territórios. Visto que, partimos do propósito que os sujeitos que contribuem na construção é o protagonista da sua história, assim sendo, apenas ele nessa qualidade pode representar de maneira concreta e singular, suas questões conflitantes, seu território, sua cultura, suas ideologias.

Assim, a Nova Cartografia Social oportuniza-se como um importante instrumento que as comunidades tradicionais, assentamentos possuem para tornarem-se visíveis aos olhos do Poder Público.

Nesse caminho a Nova Cartografia Social é uma forma de representação técnico-científica, que propicia a formação de documentos sob a ótica do sujeito social diante da sua realidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que há um procedimento metodológico novo para representar e simbolizar o assentamento Estrela do Norte e inseri-la em uma nova perspectiva social e política, perpassando não mais apenas obter a representação espacial por ela mesma, como também caracterizar sua territorialidade espacial, social, econômica e cultural.



As suas territorialidades nas distintas proporções, percorre tanto nos acampamentos quanto nos assentamentos recompõem o espaço e estabelecem relações e procedimentos de vivências dos sujeitos da ação social.

O papel assumido pelo MST e especificamente no Assentamento Estrela do Norte, caracteriza-se pela Terra de trabalho, suas territorialidades abarcadas pela lógica produtiva.

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org). Cartografias sociais e Território. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 2008

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: _____. Povos e Comunidades Tradicionais. Manaus: PNCSA/UEA, 2013. p.157-173.

CARBALLEDA, A. J. M. Cartografías e Intervención en lo social. In: TETAMANTI, M.D (ORG). Cartografía social: investigaciones e intervención desde las ciencias sociales: métodos y experiencias de aplicación. 1a ed. – Comodoro Rivadavia :Universitaria de la Patagonia, 2012. 162p.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORAYEB, Adriana. Cartografia Social e Populações Vulneráveis. Oficina do eixo Erradicação da Miséria, 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/07/CartilhaCartografia-Social.pdf>

HAESBAERT, Rogério. O Mito da Desterritorialização: “do fim dos territórios” à multiterritorialidade. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.



_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

KOZEL, Salette. As Representações no Geográfico. In.: MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salette (org). Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Ed. UFPR. 2002, reimpressão 2004.

LIMA, W, P; RAMOS, J. D. D; SILVA, C. K. Entrevista com o professor Alfredo Wagner Almeida. Folha 264. Entrevista concedida ao evento Territorialidades Tradicionais e Direitos Coletivos, 2013

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, M. A natureza do espaço - Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.